

# o aleph (1949)

jorge luis borges

tradução davi arrigucci jr.

*8ª reimpressão*



COMPANHIA DAS LETRAS



# deutsches requiem

*Ainda que me tire a vida, n'Ele confiarei.*

Jó 13,15

Meu nome é Otto Dietrich zur Linde. Um de meus antepassados, Christoph zur Linde, morreu na carga de cavalaria que decidiu a vitória de Zorndorf. Meu bisavô materno, Ulrich Forkel, foi assassinado na floresta de Marchenoir por franco-atiradores franceses, nos últimos dias de 1870; o capitão Dietrich zur Linde, meu pai, distinguiu-se no sítio de Namur, em 1914, e, dois anos mais tarde, na travessia do Danúbio.<sup>1</sup> Quanto a mim, serei fuzilado por tortura e assassinato. O tribunal procedeu com retidão; desde o início, eu me declarei culpado. Amanhã, quando o relógio da prisão der as nove, estarei morto; é natural que pense em meus ancestrais, já que tão perto estou da sombra deles, já que de alguma forma sou eles.

Durante o julgamento (que por sorte durou pouco) não falei; justificar-me, então, teria atrapalhado o veredicto e

<sup>1</sup> É significativa a omissão do antepassado mais ilustre do narrador, o teólogo e hebraísta Johannes Forkel (1799-1846), que aplicou a dialética de Hegel à cristologia e cuja versão literal de alguns dos Livros Apócrifos mereceu a censura de Hengstenberg e a aprovação de Thilo e Gesenius. (Nota do Editor)

teria parecido covardia. Agora as coisas mudaram; nesta noite que precede minha execução, posso falar sem medo. Não pretendo ser perdoado, porque não sinto culpa, mas quero ser compreendido. Os que souberem ouvir-me, compreenderão a história da Alemanha e a futura história do mundo. Eu sei que casos como o meu, excepcionais e assombrosos agora, serão muito em breve triviais. Amanhã morrerei, mas sou um símbolo das gerações futuras.

Nasci em Marienburg, em 1908. Duas paixões, agora quase esquecidas, permitiram-me enfrentar com coragem e até felicidade muitos anos infaustos: a música e a metafísica. Não posso mencionar todos os meus benfeitores, mas há dois nomes que não me resigno a omitir: o de Brahms e o de Schopenhauer. Também freqüentei a poesia; a esses nomes quero juntar outro vasto nome germânico, William Shakespeare. Antes, a teologia tinha me interessado, mas Schopenhauer me afastou para sempre dessa disciplina fantástica (e da fé cristã), por razões diretas; Shakespeare e Brahms, pela ínfima variedade do mundo deles. Quem se detiver maravilhado, trêmulo de ternura e gratidão, diante de qualquer passagem da obra desses felizardos, saiba que eu também me detive ali, eu, o abominável.

Por volta de 1927 entraram em minha vida Nietzsche e Spengler. Observa um escritor do século XVIII que ninguém quer dever nada a seus contemporâneos; eu, para me libertar de uma influência que pressenti opressora, escrevi um artigo intitulado *Abrechnung mit Spengler*, no qual dava a entender que o monumento mais inequívoco dos traços que o autor chama fáusticos não é o drama heterogêneo de

Goethe,<sup>2</sup> mas um poema redigido há vinte séculos, o *De rerum natura*. Fiz justiça, no entanto, à sinceridade do filósofo da história, a seu espírito radicalmente alemão (*kerndeutsch*), militar. Em 1929 entrei no Partido.

Pouco direi de meus anos de aprendizagem. Foram mais árduos para mim que para muitos outros, já que, apesar de não carecer de valor, falta-me toda vocação para a violência. Compreendi, entretanto, que estávamos à beira de um tempo novo e que esse tempo, comparável às épocas iniciais do Islã ou do cristianismo, exigia homens novos. Individualmente, meus camaradas me eram odiosos; procurei, em vão, pensar que não éramos indivíduos para o alto fim que nos congregava.

Asseveram os teólogos que, se a atenção do Senhor se desviasse um único segundo de minha mão direita que escreve, esta recairia no nada, como se fosse fulminada por um fogo sem luz. Ninguém pode ser, digo, ninguém pode provar um copo d'água ou partir uma fatia de pão, sem justificativa. Para cada homem, essa justificativa é diferente; eu esperava a guerra inexorável que provaria nossa fé. Bastava-me saber que eu seria um soldado de suas batalhas. Uma vez temi que a covardia da Inglaterra e da Rússia nos defraudasse. O acaso, ou o destino, teceu de outra maneira meu futuro: no dia 1º de março de 1939, ao escurecer, houve distúrbios em Tilsit que os jornais não registraram; na rua atrás da sinagoga, duas ba-

2 Outras nações vivem com inocência, em si e para si como os minerais ou os meteoros; a Alemanha é o espelho universal que a todas agasalha, a consciência do mundo (*das Weltbewusstsein*). Goethe é o protótipo dessa compreensão ecumênica. Não o censuro, mas não vejo nele o homem fáustico da tese de Spengler.

las me atravessaram a perna, que foi preciso amputar.<sup>3</sup> Dias mais tarde, nossos exércitos entravam na Boêmia; quando as sirenes o proclamaram, eu estava no sedentário hospital, tentando me perder e esquecer nos livros de Schopenhauer. Símbolo de meu destino inútil, um gato enorme e fofo dormia na beira da janela.

No primeiro volume de *Parerga und Paralipomena* reli que todos os fatos que podem ocorrer a um homem, desde o instante de seu nascimento até o de sua morte, foram prefixados por ele. Assim, toda negligência é deliberada, todo encontro casual um encontro marcado, toda humilhação uma penitência, todo fracasso uma misteriosa vitória, toda morte um suicídio. Não há consolo mais hábil que o pensamento segundo o qual escolhemos nossas infelicidades; essa teleologia individual nos revela uma ordem secreta e prodigiosamente nos confunde com a divindade. Que ignorado propósito (cavilei) me fez procurar naquele entardecer aquelas balas e aquela mutilação? Não o temor da guerra, eu sabia; algo mais profundo. Afinal acreditei entender. Morrer por uma religião é mais simples que vivê-la na plenitude; batalhar em Éfeso contra as feras é menos duro (milhares de mártires obscuros o fizeram) que ser Paulo, servo de Jesus Cristo; um ato é menos que todas as horas de um homem. A batalha e a glória são *facilidades*; mais árdua que a empreitada de Napoleão foi a de Raskolnikov. No dia 7 de fevereiro de 1941 fui nomeado subdiretor do campo de concentração de Tarnowitz.

<sup>3</sup> Murmura-se que as conseqüências desse ferimento foram muito graves.

O exercício desse cargo não me foi grato; mas não pequei nunca por negligência. O covarde é posto à prova entre as espadas; o misericordioso, o piedoso, busca o exame dos cárceres e da dor alheia. O nazismo é, intrinsecamente, um fato moral, um despojar-se do velho homem, que está viciado, para vestir o novo. Na batalha essa transformação é comum, em meio ao clamor dos capitães e ao vozerio; não assim num rude calabouço, onde nos tenta com antigas ternuras a insidiosa piedade. Não escrevo em vão essa palavra; a piedade pelo homem superior é o último pecado de Zaratustra. Quase o cometi (confesso) quando nos remeteram de Breslau o insigne poeta David Jerusalem.

Era um homem de cinquenta anos. Pobre de bens deste mundo, perseguido, negado, vituperado, dedicara seu gênio a cantar a felicidade. Creio recordar que Albert Soergel, em sua obra *Dichtung der Zeit*, equipara-o a Whitman. A comparação não é feliz; Whitman celebra o universo de um modo prévio, geral, quase indiferente; Jerusalem se alegra com cada coisa, com minucioso amor. Não comete jamais enumerações, catálogos. Ainda consigo repetir muitos hexâmetros daquele profundo poema intitulado “Tse Yang, pintor de tigres”, que está por assim dizer rajado de tigres, que está repleto e varado de tigres transversais e silenciosos. Tampouco esquecerei o solilóquio *Rosencrantz fala com o Anjo*, em que um prestamista londrino do século XVI tenta em vão, ao morrer, justificar suas culpas, sem suspeitar que a justificativa secreta de sua vida é ter inspirado a um dos seus clientes (que o viu uma única vez e de quem não se lembra) o caráter de Shylock. Homem de olhos memoráveis, de pele citrina,

de barba quase preta, David Jerusalem era o protótipo do judeu sefardi, embora pertencesse aos depravados e detestados asquenazes. Fui severo com ele; não permiti que me abrandassem nem a compaixão nem sua glória. Eu tinha compreendido havia muitos anos que não existe coisa no mundo que não seja germe de um possível Inferno; um rosto, uma palavra, uma bússola, um anúncio de cigarros, poderiam enlouquecer uma pessoa, se ela não conseguisse esquecê-los. Não estaria louco um homem que continuamente imaginasse o mapa da Hungria? Decidi aplicar esse princípio ao regime disciplinar de nossa casa e...<sup>4</sup> No final de 1942, Jerusalem perdeu a razão; no dia 1º de março de 1943, consegui se matar.<sup>5</sup>

Ignoro se Jerusalem compreendeu que, se o destruí, foi para destruir minha piedade. A meu ver, não era um homem, nem sequer um judeu; tinha se transformado no símbolo de uma detestada zona de minha alma. Eu agonei com ele, morri com ele, de alguma forma me perdi com ele; por isso, fui implacável.

Enquanto isso, giravam sobre nós os grandes dias e as grandes noites de uma guerra feliz. Havia no ar que respirávamos um sentimento parecido ao amor. Como se bruscamente o mar estivesse perto, havia um assombro e

4 Foi inevitável aqui omitir algumas linhas.

5 Nem nos arquivos nem na obra de Soergel figura o nome de Jerusalem. As histórias da literatura alemã também não o registram. Não creio, contudo, que se trate de um personagem falso. Por ordem de Otto Dietrich zur Linde foram torturados em Tarnowitz muitos intelectuais judeus, entre eles a pianista Emma Rosenzweig. "David Jerusalem" é talvez um símbolo de vários indivíduos. Dizem que morreu no dia 1º de março de 1943; no dia 1º de março de 1939, o narrador foi ferido em Tilsit.

uma exaltação no sangue. Tudo, naqueles anos, era diferente; até o sabor do sonho. (Eu talvez não tenha sido completamente feliz, mas é sabido que a desventura requer paraísos perdidos.) Não há homem que não aspire à plenitude, ou seja, à soma de experiências de que um homem é capaz; não há homem que não tema ser destituído de alguma porção desse patrimônio infinito. Mas minha geração teve tudo, porque primeiro se deparou com a glória e só depois com a derrota.

Em outubro ou novembro de 1942, meu irmão Friedrich pereceu na segunda batalha de El Alamein, nos areais egípcios; um bombardeio aéreo, meses mais tarde, destruiu nossa casa natal; outro, no final de 1943, meu laboratório. Acossado por vastos continentes, morria o Terceiro Reich; sua mão estava contra todos e as mãos de todos contra ele. Então, algo singular ocorreu, que agora creio entender. Eu me acreditava capaz de esgotar o copo de cólera, mas na borra me fez parar um sabor inesperado, o misterioso e quase terrível sabor da felicidade. Ensaiei diversas explicações; nenhuma me satisfez. Pensei: "É a derrota que me satisfaz, porque secretamente me considero culpado e só o castigo pode me redimir". Pensei: "É a derrota que me satisfaz, porque é um fim e estou muito cansado". Pensei: "É a derrota que me satisfaz, porque aconteceu, porque está inumeravelmente unida a todos os fatos que são, que foram, que serão, porque censurar ou deplorar um único fato real é blasfemar contra o universo". Ensaiei essas razões, até dar com a verdadeira.

Disseram que todos os homens nascem aristotélicos ou platônicos. Isso equivale a afirmar que não há debate de caráter abstrato que não seja um momento da polêmica de

Aristóteles e Platão; através dos séculos e latitudes, mudam os nomes, os dialetos, os rostos, mas não os eternos antagonistas. Também a história dos povos registra uma continuidade secreta. Armínio, quando degolou num pântano as legiões de Varo, não se sabia precursor do Império Alemão; Lutero, tradutor da Bíblia, não suspeitava que seu objetivo era forjar um povo que destruísse para sempre a Bíblia; Christoph zur Linde, que foi morto por uma bala moscovita em 1758, preparou de alguma forma as vitórias de 1914; Hitler acreditava lutar por *um* país, mas lutou por todos, mesmo por aqueles que agrediu e detestou. Não importa que seu eu o ignorasse; seu sangue, sua vontade o sabiam. O mundo morria de judaísmo e dessa doença do judaísmo que é a fé de Jesus; nós lhe ensinamos a violência e a fé da espada. Essa espada nos mata e somos comparáveis ao feiticeiro que tece um labirinto e se vê forçado a errar nele até o fim de seus dias, ou a David, que julga um desconhecido e o condena à morte e ouve mais tarde a revelação: “Tu és aquele homem”. Muitas coisas é preciso destruir para construir a nova ordem; agora sabemos que a Alemanha era uma dessas coisas. Demos algo mais do que nossa vida, demos a sorte de nosso querido país. Que outros maldigam e outros chorem; eu me regozijo de que nosso dom seja orbicular e perfeito.

Uma época implacável pesa agora sobre o mundo. Nós a forjamos, nós, que já somos sua vítima. Que importa que a Inglaterra seja o martelo e nós a bigorna? O importante é que mande a violência, não a servil timidez cristã. Se a vitória e a injustiça e a felicidade não são para a Alemanha, que sejam para as outras nações. Que o céu exista, embora nosso lugar seja o inferno.

Contemplo meu rosto no espelho para saber quem sou, para saber como me comportarei dentro de algumas horas, quando me defrontar com o fim. Minha carne pode ter medo; eu, não.